

A Expressão Onde Diz no Português Arcaico: Padrões de Uso em Perspectiva Construcional

THE EXPRESSION *ONDE DIZ* IN ARCHAIC PORTUGUESE:
PATTERNS OF USE IN CONSTRUCTIONAL PERSPECTIVE

Mariangela Rios de **OLIVEIRA***

Ianaê de **OLIVEIRA****

Resumo: Levantamento, descrição e análise da expressão *onde diz* em textos do português arcaico, a partir de pressupostos funcionalistas aliados a subsídios cognitivistas. Identificação de padrões de uso dessa expressão, na proposta de um *cline* de gradiência semântico-sintática, em perspectiva construcional. O padrão mais convencionalizado é exemplar de uma categoria gramatical, cuja função, como operador de evidencialidade para introdução de argumento de autoridade, se articula no nível pragmático-discursivo. Esse uso mais convencionalizado é encontrado em textos de tipologia específica, voltados para o convencimento, a persuasão e o didatismo. Tal uso, que se torna obsoleto nas síncronias subsequentes do português, é representativo de um modo particular de dizer e de convencer, próprio da fase arcaica da língua. Partimos, pois, de uma concepção de gramática mais generalizante e holística, que inclui expansão semântico-pragmática, nos termos de Traugott (no prelo).

Palavras-chave: *Onde diz*. Gramaticalização. Português arcaico.

Abstract: Survey, description and analysis of the expression *onde diz* in archaic Portuguese texts based on functionalist assumptions combined with cognitive supports. Identification of usage patterns of that expression in the proposal of a syntactic-semantic gradience cline in a constructional perspective. The

* Doutorado em Letras (Letras Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994). Professor associado da Universidade Federal Fluminense. Contato: mariangela.rios@terra.com.br.

** Mestrado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (2012). Contato: ianaedo@gmail.com.

more conventionalized pattern is exemplar of a grammatical category, whose role as an evidentiality operator to introduce authority argument, is realized in the pragmatic-discursive level. This more conventionalized usage is found in specific typology texts, which aim to persuade, convince and instruct. Such use, which becomes obsolete in subsequent syncs of Portuguese, is representative of a particular way of saying and convincing, typical of the archaic language phase. We start therefore from a more generalized and holistic conception of grammar, which includes semantic-pragmatic expansion in Traugott's terms (forthcoming).

Key-words: *Onde diz*. Grammaticalization. Archaic Portuguese.

Introdução

Neste artigo, tomamos como objeto de pesquisa os padrões de uso da expressão *onde diz*, na proposição de níveis de gradiência semântico-formal que culminam na função de operador de evidencialidade, conforme demonstrado em Oliveira (2012). Esse último estágio se trata de uso específico, no âmbito pragmático-discursivo, característico de etapa da trajetória histórica da língua portuguesa, relativa ao período arcaico, com ocorrência em um tipo de texto com propósito comunicativo bem definido: o de opinião. Assim, a referida expressão, na função de operador de evidencialidade, configurando-se como um todo de sentido e de forma, atua como estratégia de convencimento, na apresentação e na introdução de argumentos de autoridade, capazes de concorrer para a persuasão de leitores, tal como o fragmento a seguir:

(1) [...] e as treevas nom o compreenderom, porque os pecadores nom conseguïrom aquesta luz, nom por defeito da luz, mas por mîngua sua deles. **Onde diz** Agustinho: “Assi como o homem cego, posto ao sol, presente é a El a luz do sol, mas el nom presente ao sol, [...]”. (*O livro de vita Christi*, p. 35).

Em (1), a citação de Agustinho funciona como fonte indireta de informação, como argumento de autoridade para a declaração inicial que se faz. Assumimos que o *onde diz*, em contextos como esse, atua com forte vinculação semântico-sintática, em que não mais se identificam

prototipicamente nem o elemento locativo (*onde*) nem a forma verbal (*diz*), em prol da articulação de sentido processual, em competição com outras formas da língua com funcionalidade semelhante, tal como *conforme* ou *segundo*. Assim interpretado o *onde diz*, o nome *Agustinho*, portanto, deixa de ser entendido categoricamente como sujeito de *diz* e passa a funcionar como fonte de evidência, como referência de autoridade para o que se assevera ou declara.

Para apresentarmos nossa proposta e análise, apoiamo-nos nos pressupostos do funcionalismo linguístico de inspiração em Bybee (2010) e em Traugott (2008; no prelo), entre outros, lançando mão também de aportes do cognitivismo, a partir de Croft (2001) e de Croft e Cruse (2004), mais enfaticamente. A compatibilização dessas duas vertentes teóricas permite a nomeada *abordagem construcional*, ou seja, o tratamento do uso linguístico com base na vinculação de sentido e de forma dos componentes internos das expressões, partindo do pressuposto de que os padrões de uso assim convencionalizados são contingenciais, muito dependentes dos contextos pragmático-discursivos em que são articulados, e resultam do caráter gradual da mudança gramatical, ou gramaticalização.

Como nossa pesquisa inicial não detectou usos de *onde diz* em versão mais integrada, como introdutor de argumento de autoridade, em sincronias mais recentes da língua, a investigação foi desenvolvida com base em fontes dos séculos XIV e XV, representativas da fase mais antiga do português. Assim posto, os dados que sustentam nossa análise foram extraídos do levantamento de cinco obras. Os textos *Orto do esposo*, *O livro de vita Christi*, *Leal Conselheiro* são de base argumentativa; seus autores utilizam estratégia persuasiva que consiste em tomar argumentos de outrem (reconhecidos como autoridades da fé cristã, reis, filósofos, etc.) como alicerce para seus ditos. A *Demanda do Santo Graal*, por sua vez, é uma novela de cavalaria¹ marcada por valores religiosos. A quinta obra, o *Livro das aves*, segue a tendência dos *bestiários*² medievais, discorrendo sobre os defeitos e virtudes

¹ A novela de cavalaria é um gênero medieval originário de Inglaterra e França, que se estabelece em Portugal com a tradução do francês para o português da *Demanda do Santo Graal*. Conforme Moisés (2004, p. 38), novela de cavalaria é o modelo em prosa das poesias épicas.

² O termo *bestiário*, no contexto referido, é adjetivo designador de livro relativo a animais irracionais, quadrúpedes.

de determinada ave. Nesses textos, foram selecionadas ocorrências de *hu diz*, *onde diz* e *onde*, em que o pronome locativo apresenta o traço (+) textual, ou seja, em que o sentido de espaço físico se encontra *desbotado* em prol de sentido mais abstrato, virtual ou processual.

Ainda sobre os textos, importante mencionar que *Orto do esposo* e *Leal conselheiro* são originalmente portugueses, enquanto *Demanda do santo Graal*, *O livro de vida Christi* e *Livro das aves* são versões³ em língua portuguesa de originais latinos. Todos, em maior ou menor grau, compartilham a temática didático-religiosa. As obras são destinadas a instruir e convencer, persuadindo o leitor a partilhar da opinião do autor. Dessa forma, são aqui chamados de textos didático-religiosos aqueles que têm o propósito de educar social, filosófica ou religiosamente. Esses textos impressos substituíram a tradição em que os grandes feitos eram passados oralmente.

Nosso objetivo geral neste artigo é levantar, descrever e classificar os padrões de uso da expressão *onde diz* no português arcaico, a partir das obras referidas. Na classificação dos padrões, identificamos *clines* de gradiência de vinculação semântico-sintática envolvendo os constituintes *onde* e *diz*, na proposição de usos menos e mais entrincheirados desses constituintes. O ponto extremo do *cline* diz respeito ao uso como introdutor de argumento de autoridade, no qual *onde diz* atua como um tipo de operador evidencial.

Duas são as hipóteses gerais aqui assumidas. A primeira considera que a estratégia argumentativa utilizada por certo modo específico de dizer fez que a expressão *onde diz*, de base locativa e de sentido mais referencial, cumprisse trajetória rumo à mudança linguística, para atuar como mecanismo de persuasão e de instrumento de evidencialidade. Essa hipótese vai ao encontro da proposta da atuação de pressões de subjetividade e de inferência sugerida, defendida por Traugott e Dasher (2005), bem como das pesquisas de Kabatek (2005) sobre Tradições Discursivas. Define-se subjetividade como “processo pelo qual o falante/escritor desenvolve, com o tempo, novos significados para lexemas [e construções], os quais codificam ou externalizam suas perspectivas” (TRAUGOTT; DASHER, 2005, p. 32). Por sua vez, inferência sugerida diz respeito à complexidade de comunicação, em que o falante/escritor evoca implicaturas e convida o ouvinte/leitor a inferi-las

³ As versões davam liberdade ao tradutor português para digressões, simplificações e acréscimos.

(TRAUGOTT; DASHER, 2005, p. 5). As Tradições Discursivas são atinentes a usos linguísticos que, repetidos e convencionalizados no trato sócio-histórico, passam a ser representativos de dizeres de determinada cultura, grupo ou instituição; trata-se de uma abordagem que destaca o viés social da gramática, na defesa de que a língua é, eminentemente, uma manifestação cultural e que os rituais linguísticos são motivados por rituais comunicativos outros (KABATEK, 2005).

A segunda hipótese que testamos é se evidenciais, em português, podem se convencionalizar, pelo menos em determinados contextos. Define-se evidencial como a origem do conhecimento asseverado (CHAFE; NICHOLS, 1986). Pesquisas nessa área⁴ revelam que algumas línguas marcam a evidencialidade em molde lexical ou gramatical. A evidencialidade é considerada gramatical quando realizada por afixos, clíticos ou marcada em categorias também responsáveis por outras funções. Levando em conta a gramaticalização de evidenciais em línguas distintas, a marca de evidencialidade lexical em língua portuguesa, como também os estudos mais básicos sobre gramaticalização, hipotetizamos que a gramaticalização de evidenciais também pode ocorrer sob forma de um *cline*. Nesse *cline*, uma expressão de sentido pleno, cumpridora de função referencial, pode assumir sentido processual, na articulação de função no nível da gramática, como a evidencialidade, tal como defende Casseb-Galvão (2010) para a expressão *diz que* em português.

Dessa forma, estamos partindo do pressuposto de que a expressão *onde diz* manifesta níveis distintos de gramaticalidade no português arcaico; no ponto mais integrado do *cline*, os constituintes *onde* e *diz* formam expressão altamente vinculada, em termos semântico-sintáticos, cumpridora de função discursivo-pragmática específica, voltada para a evidencialidade. Assumimos ainda que, por não ser registrada em fontes representativas de sincronias mais recentes do português, a expressão evidencial *onde diz* ficou obsoleta, nos termos de Traugott (no prelo), ou seja, tornou-se desusada na função de introdutora de argumento de autoridade, em um tipo de mudança nomeada pela autora como *pós-construcionalização*. Interpretamos o desuso

⁴ As pesquisas nacionais e internacionais sobre evidencialidade, em geral, estudam sua gramaticalização, ou a modalidade epistêmica, revelando o nível de comprometimento do falante com seu dito (BARNES, 1984; DALL'AGLIO-HATTNER, 1996; AIKHENVALD, 2006; CASSEB-GALVÃO, 2010).

referido como consequente de mudança de Tradição Discursiva na comunidade, que passa a usar outras formas de dizer para expressão de evidencialidade.

Este artigo se encontra dividido em três seções maiores. Na primeira, de natureza teórica, tratamos mais especificamente da abordagem construcional na pesquisa funcionalista sobre mudança gramatical, de como a investigação funcionalista mais recente tem recorrido a subsídios cognitivistas, no nível dos estudos da construção, para aprimorar teorização e metodologia. Na segunda seção, apresentamos e caracterizamos os *clines* de gradiência levantados a partir das fontes arcaicas pesquisadas; dividimos os dados de acordo com os padrões de uso, com base em aspectos e traços de sentido e forma aí envolvidos. Na terceira seção, a partir dos padrões estabelecidos, dedicamo-nos ao levantamento dos dados e sua distribuição, com foco em aspectos relativos à frequência de uso e aos seus contextos maiores de ocorrência. Por fim, nas considerações finais, discutimos acerca dos resultados alcançados e refletimos sobre como tais resultados podem ensejar a pesquisa de outros padrões de uso do português, na interface dos estudos sobre polissemia e mudança gramatical com a perspectiva construcional.

1 Gramaticalização e Abordagem Construcional

Da perspectiva clássica da gramaticalização como passagem de um item da instância lexical à gramatical (MEILLET, 1912) ou da passagem desse item de uma categoria gramatical para outra ainda mais gramatical (KURYLOWICZ, 1965), a pesquisa funcionalista mais recente tem assumido outros rumos, não necessariamente contrastivos em relação às abordagens referidas. Alguns dos traços mais relevantes do novo cenário decorrem do diálogo e do estreitamento da relação entre funcionalismo e cognitivismo, no conjunto de estudos nomeado genericamente de *gramaticalização de construções*⁵, na linha de Noël (2007), Bybee (2010) e Traugott (2008), entre outros.

⁵ No campo desses estudos no Brasil, cita-se a atuação do Grupo do CNPq *Gramaticalização de construções*, liderado por Angélica Rodrigues, reunindo investigadores de diversas instituições do país. O grupo vem atuando em eventos da área e publicando seus resultados de pesquisa em periódicos de prestígio.

Tal como os cognitivistas, nos termos de Croft (2001) e de Croft e Cruse (2004), assumimos que construções são pareamentos de sentido e de forma, são unidades simbólicas cujo conteúdo é distinto da soma do conteúdo de cada um de seus constituintes internos. Quanto mais é convencionalizada uma construção, mais fixa se torna, sem permitir que seus elementos mudem de posição ou que haja inserção de outros constituintes em seu interior. Assim concebidas, construções, quando do tipo gramatical, podem ser interpretadas como resultantes de mudança da gramática, como padrões convencionalizados e amplamente aceitos no trato social, que tiveram sua origem em usos inovadores e inaugurais e que passam a articular sentido processual.

De acordo com Traugott (no prelo, p. 3-4), são as seguintes as etapas, ou pequenos passos, da mudança em uma perspectiva construcional:

- a) *inovação*: na recepção, o ouvinte reelabora o sentido de um uso do falante;
- b) *reutilização*: o ouvinte, que reinterpreta o uso recebido, começa a utilizar a construção a partir desse novo sentido;
- c) *convencionalização*: outros usuários passam a reutilizar a construção dentro desse novo contexto, criando um tipo de nicho distribucional particular;
- d) *construcionalização*: falantes e ouvintes, em rede social, (neo)analisam⁶ o novo uso em termos morfossintáticos e semânticos, criando uma nova unidade simbólica, um inédito pareamento de sentido e forma, uma microconstrução, conforme Traugott (2008);
- e) *pós-construcionalização*: nessa etapa, podem ocorrer outras mudanças, como expansão por analogia (*host-classes*), aumento de frequência *type*, redução de forma (erosão) ou ainda *obsolescência*, quando cessa ou quase desaparece a construção.

Em relação ao *onde diz*, assumimos que sua mudança atingiu efetivamente pelo menos a etapa C, ou seja, a convencionalização. Na proposição de Traugott, a pesquisa empírica, principalmente a de viés histórico, praticamente não permite testar as etapas A e B, uma vez que tais

⁶ Adotamos, como Traugott (no prelo), o termo *neonálise* no lugar do tradicional *reanálise*, uma vez que novas interpretações contextuais não são, em termos absolutos, elaborações a partir uma interpretação padrão, pré-concebida. Admite-se, assim, que as novas análises podem advir de interpretações criativas ou inaugurais.

etapas dizem respeito a contextos muito específicos e individuais de uso. Quando se detecta o emprego sistemático de um padrão, com sentido e forma altamente vinculados na articulação de outro modo de dizer, já estamos nos referindo à etapa de convencionalização, tal como verificamos nas fontes arcaicas do português em relação a *onde diz*. Com relação à etapa D, que se refere à gramaticalização da construção, consideramos que os dados de que dispomos não nos permitem atestar com segurança se *onde diz* chegou a atingir tal patamar. De todo modo, o fato de a expressão se tornar obsoleta no português clássico e contemporâneo, atestado pelo levantamento que realizamos em muitas e variadas fontes, permite-nos considerar que possa ter sido, de fato, um padrão efetivamente construcional, usado em contextos específicos da modalidade escrita na fase arcaica da língua.

Em relação às recentes tendências características dos estudos sobre gradiência e gradualidade da gramática, duas se destacam. Uma delas diz respeito à concepção da gramaticalização como *extensão* (TRAUGOTT, no prelo). De acordo com a autora, ao lado da redução e do aumento de dependência semântico-sintática, próprias dos estudos clássicos iniciais, é possível, e mesmo muito conveniente, conceber a mudança gramatical como processo motivador de categorias pragmático-discursivas, atuantes no nível da organização textual. Assim concebida a gramaticalização, incluem-se entre seus objetos de pesquisa o desenvolvimento de operadores e marcadores discursivos, de constituintes cumpridores de funções processuais, como a evidencialidade, a injunção, entre outras. Tal *alargamento* de concepção atinge o próprio conceito do que é *gramática*, fazendo que Traugott (no prelo, p. 7) a nomeie de *thetical grammar*. Esse tratamento mais amplo e não restritivo é acompanhado também por outro tipo de ampliação – a dos objetos de pesquisa, uma vez que a abordagem da construção gramatical é não modular e holística, fundada na forte vinculação e mútua implicação do binômio *sentido – forma*.

Esse aumento de foco permite à pesquisa funcionalista não só lidar com objetos mais extensos e complexos, em termos semântico-sintáticos, como *onde diz*, mas também atentar para os demais aspectos de sentido e de forma que compõem o entorno desses objetos, como a sequência tipológica e o gênero discursivo, de acordo com Marcuschi (2002). Assim, em uma perspectiva construcional, não basta ao funcionalismo levantar e descrever os chamados *usos linguísticos* com foco meramente em seus constituintes

internos; torna-se necessário também dar conta das relações associativas e contextuais que esses usos estabelecem em relação aos demais constituintes. É dessa estreita vinculação entre a dimensão interna e externa dos padrões de uso que emerge a mais recente tendência dos estudos funcionalistas. A partir de tal perspectiva, ganham relevâncias as relações metonímicas sobre as metafóricas, como destacam Traugott e Dasher (2005), uma vez que aquelas passam a ser concebidas como motivadoras destas. Trata-se, assim, do destaque da dimensão estrutural e associativa na abordagem dos usos linguísticos, em termos de polissemia e de mudança gramatical.

2 *Clines* de Gradiência de *Onde Diz* no Português Arcaico

Com foco nas relações contextuais e associativas que marcam os usos de *onde diz* nas cinco fontes pesquisadas do período arcaico do português, levantamos e identificamos três padrões de uso dessa expressão. Pautados no entendimento de que gradiência e prototipicidade são traços constitutivos das categorias gramaticais (BYBEE, 2010), os padrões referidos apresentam, tanto em termos de seus constituintes internos quanto em termos de sua associação com os demais elementos da sequência que compõem, níveis de vinculação distintos.

A pesquisa teve início na identificação da forma *onde diz* em molde mais abstrato, encontrada primeiramente no texto português *Orto do esposo*. A análise das funções assumidas por *onde diz* se realiza considerando-se o contexto de sua ocorrência. Dessa forma, os fragmentos trabalhados contêm pelo menos uma declaração anterior e outra posterior ao objeto pesquisado, contemplando o formato: *declaração1 + onde [diz] + SN + declaração2*. Em *Orto do esposo*, por reiteradas vezes, o *onde diz* foi utilizado para expressar a origem indireta de informação, conforme o fragmento (2)⁷:

(2) E porẽm o seu nome glorioso deue seer chamado ã começo de toda boa obra, e ão seu sancto nome deue o homẽ de fazer toda cousa, **onde diz** o apostolo: Jrmãos, qualquer cousa que fezerdes, todo fazede ã nome do Senhor Jhesu Christo, ão qual uiuemos, e em elle nos mouemos e somos. E porẽ ão começo desta obra puge

⁷ Nesse fragmento, levantamos três ocorrências de *onde diz*, o que corresponde a três dados de nossa pesquisa.

o nome de Jhesu Christo, e ãno seu nome a comecey, o qual nome he muy delectoso, **onde diz** Jhesu, filho de Sirac: Asi como o mel seera doce a renebrãça delle, convem a saber do nome que he Jhesu, que quer dizer saude. **Onde diz** Sam Lucas ãnos Autos dos Apostolos que nõ ha hi saude ã outro nehũ sãnõ em Jhesu Christo. E diz Salamõ emnos Cantares do Amor: Oleo espargido he o teu nome. (*Orto do esposo*, livro 1, cap 1, fõlio 2v)

Nossa análise parte do pressuposto de que o traço (+) locativo de *onde* é o ponto inicial do *cline* de gradiência, de sentido mais concreto, seguido do ponto de transição (+/-) locativo e daí para o mais abstrato, (-) locativo ou (+) textual. Os fragmentos (3), (4) e (5) ilustram a trajetória referida:

(3) O meu nardo deu blandeza de odor. Ca a palaura da Sancta Scriptura da saude aas jnfirmitades da alma, **onde diz** o propheta Daud: Emviou o Senhor Deus a sua palaura e deu lhe saude. [...]. (*Orto do esposo*, livro 2, cap 9, fõlio 11v, grifo nosso)

Em (3), o locativo *onde* atua com sentido (+) locativo, ao produzir um movimento catafórico que retoma *a palaura da Sancta Scriptura*, embora *a palaura da Scriptura* não se trate exatamente de um local físico. Em usos como (3), consideramos *onde diz* como expressão lexical e menos vinculada, uma vez que seus constituintes atuam, respectivamente, como advérbio e verbo pleno. Assim, enquanto *onde* retoma efetivamente o que foi dito, *diz* se antecipa ao sujeito e a seu objeto. A menor vinculação pode ser atestada também pela possibilidade de troca posicional, do tipo *onde o propheta Daud diz*; tal condição é possível pelo menor entrincheiramento de *onde diz* em contextos como (3). Consideramos usos como (3), portanto, iniciais no *cline* de gradiência de *onde diz*.

Em (4), por outro lado, a vinculação de sentido e de forma de *onde diz* é mais evidente:

(4) [...] o orto da Sancta Scriptura he cercado de muy fortes sebes, per que he muy segura, em tal guisa que nõ emadam ã mĩguẽ em ella. **Onde diz** Sam Joham ãno Apocalissy: Se alguẽ posser sobre esto, apoera Deus sobre elle as plaguas scriptas em este liuro, [...]. (*Orto do esposo*, livro 2 cap 13, fõlio 15r)

Em (4), *onde diz* não retoma parte do texto anterior, senão todo o texto anterior e dá seqüência à declaração posterior. Observamos a relação catafórica de *onde* com *1/2no Apocalissy*. Apocalipse é uma seção bíblica e, assim referida, a entendemos como espaço virtual. Por sua vez, o constituinte verbal *diz* tem como complemento as palavras de São João: *se algu^{1/2} posses sobre esto, apoera Deus sobre elle as plaguas scriptas em este liuro, [...]*. Dessa forma, *onde diz* no fragmento (4) possui traços mais textuais em relação a (3). Aqui, *onde* se apresenta como (+/-) locativo, a expressão como um todo funciona de modo mais abstrato se comparado a (3).

Detectamos o nível de mais alta vinculação e abstratização de *onde diz* em fragmentos como o seguinte:

(5) [...] seja demonstrado que foi soamente de graça, a qual nom precederom méritos alguês de homeês. A graça é atribuída ao Spíritu Santo. **Onde diz** a glosa: “Spíritu é nome de toda graça, a qual é spirada de Deus. (*O livro de vita Christi*, p.73)

Em (5), classificamos o *onde diz* em nível mais gramatical, pois o *onde* tem sentido (-) locativo (+) textual, já que a expressão não se refere especificamente a nenhum ponto anterior ou posterior no texto. Assim articulado, ressalta-se a função relacional do *onde diz*, que passa a atuar como uma espécie de operador de evidencialidade, apresentando a fonte por intermédio da qual é feita a citação bíblica – a *glosa*. Nesse uso, *onde* e *diz* se apresentam com maior nível de integração em termos de sentido e de forma, visto que são tomados como constituintes de uma unidade maior, para além do que seria a associação de um pronome adverbial (*onde*) e um verbo (*diz*). A partir desse entendimento, o SN *a glosa* não pode ser considerado na função sintática de sujeito, mas sim na função pragmático-discursiva de fonte de evidencialidade, de informação. Portanto, de um contexto primeiro [*onde*] [*diz a glosa*], chegamos ao contexto *neoanalisado*, nos termos de Traugott (no prelo), [*onde diz*] [*a glosa*]. Assim integrado e destituído de maior sentido referencial, *onde diz* passa a competir com outras expressões de evidencialidade do português, como *conforme* e *de acordo com*, entre outras.

Esse é o ponto mais alto de abstratização identificável no nosso *corpus*, correspondente à etapa de *convencionalização* da mudança gramatical (TRAUGOTT, no prelo), conforme referida na primeira seção deste artigo. Nessa etapa, nos termos de Bybee (2010) e de Traugott (no prelo), aumenta

o nível de esquematicidade e de produtividade de *onde diz*, manifestado por intermédio da convencionalização do sentido evidencial e da extensão de seu uso, respectivamente; por outro lado, diminui o grau de composicionalidade da expressão, uma vez que os constituintes *onde* e *diz* perdem maior autonomia e acessibilidade individuais.

Em termos formais, levantamos algumas ocorrências em que observamos apenas a presença do *onde*, em vez de *onde diz*, cumprindo a mesma função de operador de evidencialidade. Interpretamos tais contextos como resultantes de erosão, em um processo previsto na etapa de *pós-construcionalização*, também referida na primeira seção. Na trajetória da mudança gramatical, está prevista a possibilidade de perda não só de sentido referencial, motivador de polissemia, mas também de componentes estruturais, como em:

- (6) Porém assi como sabedor e toda avergonhada, nom respondeu cousa, cuidando em si meesma e examinando aquêlo que era dito. **Onde** Ambrósio: “Maravilha-se da nova forma da saüdaçom, porque nunca fora ante achada e soamente pera Maria se guardava esta saüdaçom”. (*O livro de vita Christi*, p. 69)

No fragmento (6), detectamos a erosão da expressão *onde diz*, que se apresenta destituída do constituinte final. Defendemos que a possibilidade de supressão de *diz*, sem perda para a compreensão da sequência e do papel evidencial de *onde*, deve-se ao nível de convencionalização assumido pela referida expressão, que revela também a destituição do estatuto verbal de *diz*, já que, diante da redução a *onde*, o SN *Ambrósio* destaca ainda mais sua função pragmático-discursiva de fonte de informação, em detrimento do papel sintático de sujeito.

Chegamos, assim, à proposição do seguinte *clíne*:

$$[\textit{onde}] [\textit{diz} + \text{SN}] > [\textit{onde diz} + \text{SN}] > [\textit{onde diz}] > [\textit{onde}] > []$$

(1) (2) (3) (4) (5)

O ponto (1) corresponde ao padrão mais desvinculado, em que o estatuto categorial de *onde*, pronome adverbial, e *diz*, verbo, são identificados como mais autônomos. Em (2), o grau de entrincheiramento de sentido e de forma de *onde diz* aumenta; o SN subsequente a *diz* ainda preserva sua

função complementizadora em relação ao verbo, porém o *onde* tem aumentado seu escopo anafórico. Já em (3) identificamos o ponto de convencionalização de *onde diz*, em que ambos os constituintes são neoanalisados, passando a funcionar como um todo do ponto de vista semântico-sintático; nessa etapa, o SN subsequente ao *diz* se descola, assumindo de forma mais contundente a função pragmática de fonte de evidencialidade e compondo com o *onde diz* a função evidencial. Na etapa (4), detectamos a redução de *onde diz* com a erosão do constituinte *diz*, preservando-se o sentido evidencial de *onde*. Deixamos a etapa final da trajetória vazia, na consideração de que *onde diz* tornou-se obsolescente nas sincronias posteriores à fase arcaica. De acordo com Traugott (no prelo), as etapas (4) e (5), na perspectiva da mudança gramatical, são relativas ao momento de pós-construcionalização. Conforme apresentamos na seção seguinte, a frequência dos padrões de (1) a (4) é distinta no *corpus*, o que nos fornece relevantes indícios acerca da tendência e da produtividade de tais usos.

3 Frequência de Uso dos *Clines de Onde Diz*

A frequência com que a expressão *onde diz* é encontrada nas fontes pesquisadas mostra-se variada. Em *Leal conselheiro*, levantamos apenas um dado, no *Livro das aves* e na *Demanda do santo Graal*, temos duas ocorrências em cada uma das obras. Esses três textos foram pesquisados em sua integralidade e os cinco dados, integrados ao *corpus* de análise. Por outro lado, em *O livro de vita Christi* e *Orto do esposo*, o *onde diz* é expressão muito recorrente, o que nos fez delimitar em 50 os dados de cada obra para análise; esses 50 dados foram selecionados aleatoriamente, com base nas primeiras ocorrências encontradas em cada fonte. Assim, o *corpus* final de pesquisa é composto por 105 dados.

Na seleção e no levantamento de dados, incorporamos à análise casos em que *onde* e *diz* se encontram separados por inserção, como em:

(7) “Mas porque a geeraçom natural nom consentia de se êsto fazer, o Senhor David foi feito filho de David, e da geeraçom prometida veeo e foi nacido filho sem pecado”. **Onde** Anselmo outrossi **diz**: “A nossa natura no começo foi criada aa semelhança de Deus, [...]”. (*O livro de vita Christi*, p. 41)

Em (7), consideramos que as inserções do sujeito *Anselmo* e do elemento conectivo *outroussi* concorrem para a desvinculação semântico-sintática de *onde* e *diz̃*. De outra parte, podemos considerar que ordenações como a verificada em (7) são ambientes motivadores de realinhamentos ou de neoanálises, de novas redes associativas que podem favorecer outros tipos de encadeamentos.

Apresentamos, no quadro a seguir, os dados distribuídos pelos quatro padrões de uso de *onde diz̃*, considerados aqui, nos termos de Bybee (2003), quatro *types* distintos:

Quadro 1 – Padrões de uso de *onde diz̃* no português arcaico

PADRÃO	[<i>onde</i> <i>diz̃</i> + SN]	[<i>onde</i> <i>diz̃</i> +SN]	[<i>onde</i> <i>diz̃</i>]	[<i>onde</i>]	TOTAL
QUANTITATIVO	3	16	51	35	105
PERCENTUAL (aproximado)	3%	15%	50%	33%	100%

Podemos constatar pelo quadro 1 que é grande a frequência dos usos mais convencionalizados de *onde diz̃*, concernentes aos padrões [*onde diz̃*] e sua forma reduzida [*onde*]. Dos 105 dados, 86 integram esse conjunto maior, em que a expressão assume função de operador evidencial e se encontra altamente integrada, como em:

(8) “Eu creio, mas da maneira per que se deve fazer pergunto”. **Onde diz** Ambrósio: “Nom duvida seer fazedoiro aquela que preguntava per que maneira se havia de fazer”. [...]. (*O livro de vita Christi*, p. 73)

Onde diz̃, conforme encontrado em (8), já não porta prototipicamente a marca espacial de *onde* nem o sentido verbal mais pleno de *diz̃*. A expressão não faz referência a lugar específico no texto, ou mesmo a lugar fora dele. Trata-se, como aqui defendemos, de uma expressão cumpridora de função no nível pragmático-discursivo, na marcação da fonte de onde provém a informação. Com a perda do constituinte verbal, essa função fica mais destacada ainda:

(9) Moralmente, a luz alumina nas trevas, porque a virtude se mostra nas adversidades e a virtude na infirmitade se acaba. **Onde** Sam Gregório: “Nom conhece alguém quanto aproveitou, salvo na adversidade; [...]” (*O livro de vita Christi*, p. 35)

Em (9), o *onde* tão somente cumpre o papel de marcar a fonte da declaração. O fato de se poder retirar o segundo constituinte da expressão, o *diz*, é forte indício de que, de fato, estamos diante de um tipo de uso no nível da organização textual. Se, em (8), ainda podemos postular que o SN *Ambrósio* guarda traços da categoria sujeito, em (9), o mesmo não pode ser dito acerca do SN *Sam Gregório*.

Além dos 86 dados de maior integração, observamos, no quadro 1, pequena tendência dos demais usos de *onde diz*. O padrão 1, [*onde*] [*diz* + SN], registra somente três dados, revelando-se como o menos frequente, como em:

(10) E nas cousas feitas com entençom de virtude, consiirar aquella pallavra de Davyd **onde diz** que o senhor quebrantará os ossos daquelles que fazem seus feitos principalmente por prazerem aos homens, mostrandonos que nom leixemos a nos meesmos fazer cousa que seja com proposito da vã gloria. (*Leal conselheiro*, título 12, fólio 15r)

No fragmento (10), o *onde* retoma anaforicamente, no mesmo período, o referente *aquella pallavra de Davyd*, enquanto o *diz* é complementado para oração objetiva *que o senhor quebrantará os ossos daqueles*. Tal situação confirma o menor entrenchamento de ambos os constituintes.

Com 16 registros, encontramos o padrão 2, formado por [*onde diz* +SN], ilustrado a seguir:

(11) E porê diz Sam Bernardo que o canpo [da Sancta Scriptura he hũũ câpo muy] grande e muy ancho, cheeo de muytos e desuayrados testemunhos de uerdade assy como de flores fremosas, que dam mantiimêto e refeyçom aos que per ella leem. **Onde diz** Salamõ ãno Cantar do Amor, falando en pessoa da esposa: Descendeo o meu amado ãno seu orto pera pacer ãnas ortas e colher os lylios. (*Orto do esposa*, livro 2 cap 5, fólio 9r)

Em (11), *onde diz* apresenta-se mais vinculado em relação a (10). Essa maior vinculação se manifesta tanto pelo fato de a expressão iniciar novo período quanto pelas relações fóricas articuladas: *onde* se vincula ao período anterior, anaforicamente, e ao espaço virtual *1/2no Cantar do Amor*, cataforicamente. Por outro lado, em (11) também podemos considerar que *onde diz* já manifesta certa função evidencial, permitindo competição com *conforme* ou *segundo*. Contextos como (11), considerados de estrutura múltipla e de ambiguidade semântica, são classificados por Diewald (2002) como de *uso crítico*; trata-se de ambientes de transição, de sobreposição semântico-sintática, motivadores de usos mais convencionalizados.

Outro fator que controlamos no levantamento e na análise dos 105 dados foi a marca morfológica de *diz*. Nosso foco, com o exame desse fator, é atestar que, uma vez convencionalizada a expressão *onde diz*, fica muito reduzida, ou praticamente cancelada, a possibilidade de o segundo constituinte, a forma verbal *diz*, flexionar-se, uma vez que seu estatuto lexical e sentido referencial se reduzem. Apresentamos agora os dados concernentes a esse controle:

Quadro 2 – Traços morfológicos de *dizer*

VERBO DIZER	COM FORMA VERBAL				SEM FORMA VERBAL	TOTAL
PESSOAS E TEMPOS VERBAIS	3ª pessoa singular presente indicativo DIZ	3ª pessoa plural presente indicativo DIZEM	3ª pessoa singular pretérito perfeito do indicativo DISSE	Gerúndio DIZENDO	Ø	
QUANTI- TATIVO	63	2	4	1	35	105
PERCENTUAL (aproximado)	60%	2%	4%	1%	33%	100%

Conforme nossa expectativa, dos 105 dados, em apenas 7 ocorre flexão da forma verbal. Se levarmos em conta que 35 das expressões de *onde diz* são reduzidas justamente pela ausência de *diz*, dos 70 registros com verbo, em 63 tal constituinte é usado na forma *diz*, demonstrando ser esse o modo não marcado e regular de sua expressão.

Constatamos assim que o representante mais prototípico da expressão *onde diz* possui o traço *com verbo*, no formato *onde* + verbo *dicendi* na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Segundo Castilho (2010, p. 432-433), o uso do presente do indicativo pode estar associado tanto ao aspecto de simultaneidade ao momento de fala, quanto ao aspecto atemporal. Portanto, o valor de verdade do *onde diz* como fonte evidencial é destacado também pelas marcas verbais do segundo constituinte. Quando se altera esse padrão de uso, a vinculação semântico-sintática da expressão se altera, em prol de sentido mais referencial, como em:

(12) E o nosso hũgumentayro e buticayro Jhesu Christo ueo asy como piadoso [físico] aos enfermos pera os auuiêtar, e porêm entrou emno castello da sancta jgreya, em que mora a sabedoria da Sancta Escripura, que em outro tempo foy chagada mais agora he ya sãã. **Onde dizem** os poetas que que Apollo cauou hũa fonte emno seu orto, que, quando viinha o sol, era feyta tam frya, que a nõ podiam beuer, mais, depois que se poynha o sol, aquecia em tal maneyra que aadur podya o homẽ teer as mãõs em ella. (*Orto do esposo*, livro 3 cap 1, fólio 17r)

No fragmento (12), o uso flexionado de *dizem*, concordando com o sujeito posposto *os poetas*, faz que *dizem os poetas* ganhe em unidade de sentido e de forma. Embora o *onde* se encontre mais abstratizado, o *dizem* tem referência mais concreta. Como vimos, são apenas 7 os casos como (12), em um total de 105 ocorrências. Devemos observar que os dados de redução de *diz*, que perfazem 35 ao todo, são numericamente mais expressivos do que os 7 com flexão de *dizer*, o que aponta a tendência à erosão, e não à flexão verbal, do segundo constituinte da expressão *onde diz*. Consideramos tal condição coerente com a trajetória de convencionalização do uso linguístico dessa expressão.

O terceiro e último fator apresentado é o nível de integração de *onde diz* às declarações antecedente e subsequente, na base da consideração da estrutura já referida da qual faz parte a expressão: *declaração1* + *onde [diz]* + *SN* + *declaração2*. Para tanto, no quadro a seguir, usamos as convenções D1 (declaração 1) e D2 (declaração 2) para presença de vinculação em relação a *onde diz*, quando a vinculação não ocorre, usamos, respectivamente $\text{D}\perp$ e $\text{D}\emptyset$:

Quadro 3 – Tipo de vinculação de *onde diz* em relação à D1 e D2

Tipo de vinculação	D1 onde diz D2	Ð+ onde diz Ðž	Ð+ onde diz D2	D1 onde diz Ðž	TOTAL
QUANTITATIVO	1	89	11	4	105
PERCENTUAL (aproximado)	1%	88%	12%	4%	100%

Como podemos observar, ratificando o uso mais gramatical e entrincheirado de *onde diz*, referente à sua função de operador de evidencialidade, encontramos, dos 105 dados em análise, 89 ocorrências em que *onde diz* se apresenta com maior nível de desvinculação em relação à D1 e D2. Esse número de usos mais integrados internamente e mais desvinculados de D1 e D2 corresponde, em quase maioria absoluta, aos padrões 3 [*onde diz*] e 4 [*onde*], que totalizam, conforme demonstramos na tabela 1, 86 registros. A desvinculação sintática detectada é coerente com o fato de que o plano de articulação de [*onde diz*] e [*onde*] opera no plano pragmático-discursivo, e não sintático. Trata-se de usos como o seguinte:

(13) Zacarias, consiirando a sterilidade da molher e a velhice de ambos, nom o creoo, e por êsto foi mudo atees o tempo do parto, significando que, já viindo Cristo, a lei e as profecias seriam compridas e cessariam, calando-se. **Onde diz Sam Crisóstomo:** “Portanto Zacarias, sacerdote dos Judeus, foi mudo, porque já convém cessar e calarem-se os sacrificios que por os pecados do pôobo ofereciam. [...]”. (*O livro de vita Christi*, p. 57-59)

Em (13), as duas declarações que compõem o fragmento são intermediadas pelo operador evidencial *onde diz*, acompanhado da fonte de informação – *Sam Crisóstomo*. Pelo novo papel pragmático-discursivo assumido, descolado do nível sintático estrito, tanto o operador quanto a fonte de informação se encontram mais desvinculados do restante do fragmento, na composição do seguinte quadro:

Quadro 4 – Contexto evidencial

DECLARAÇÃO 1	EVIDENCIAL	DECLARAÇÃO 2
(ENUNCIADOR 1): <i>Zacarias</i> , consirando a sterilidade da molher e a velhice de ambos, nom o creoo, e por êsto foi mudo atees o tempo do parto, significando que, já viindo Cristo, a lei e as profecias seriam compridas e <i>cessariam</i> , <i>calando-se</i> .	[<i>Onde diz</i>] [<i>Sam Crisóstomo</i>]:	(ENUNCIADOR 2): “Portanto <i>Zacarias</i> , sacerdote dos Judeus, foi <i>mudo</i> , porque já convém <i>cessar</i> e <i>calarem- se</i> os sacrificios que por os pecados do pôoboo ofereciam. [...]”.

As declarações 1 e 2 são semelhantes, inclusive utilizam mesmos sintagmas, citam-se *Zacarias*, *mudo*, *cessar* e *calar*. A segunda declaração é mais valorada, por dizer se tratar das palavras de São Crisóstomo. Tal disposição indiretamente articula alguns sentidos lógicos: (a) o enunciador concorda com São Crisóstomo; (b) o enunciador tem conhecimento religioso e literário; (c) tendo São Crisóstomo a sabedoria dos santos, da religião e da Igreja, suas declarações são inquestionáveis para aquela sociedade; (d) se São Crisóstomo é inquestionável, o enunciador também o é, e, por consequência, a sua obra se torna fonte de verdade e de convencimento. O fragmento evidencial, composto pelo operador *onde diz* e pela fonte de informação *Sam Crisóstomo*, é uma estrutura independente sintaticamente de ambas as declarações, compondo, em nível mais alto, outra expressão maior.

Os demais tipos de vinculação, conforme demonstrado na tabela 3, são bem menos frequentes. Desses, um grupo tem certo destaque, com 11 registros; trata-se daquele em que o *onde diz* vincula-se a D2, tal como:

(14) A aruor da palma significa a uitoria da ressureyçom dos mortos, ã que sera a morte uẽçuda, assy como diz Sam Paulo: Absoruuda he a morte ã uitorya. **Onde diz** hũũ filossafo, que chamam Plynio, que emna terra da parte do meodia ha hũa palma que, quando he tam

uelha que seca e podrece, nace outra uez de sy meesma e torna a seer uerde. (*Orto do esposo*, livro 2 cap 6, fólío 10r)

Uma das marcas de (14), tal como ocorre aos fragmentos do tipo $\text{D}\ddagger$ *onde diz* D2, é o *onde* não articular relações fóricas. Por outro lado, o constituinte verbal *diz* se complementa com uma oração substantiva objetiva direta, *que emna terra da parte do meodia ha hia palma [...]*. Nesse fragmento, excepcionalmente, é encontrada a oração adjetiva *que chamam Phynio*, que explica a fonte de informação *hii fillosafo*.

Considerações Finais

O levantamento e a análise interpretativa dos padrões da expressão *onde diz* no português arcaico nos permitem chegar ao apontamento de traços que marcam a tendência de uso da referida expressão e postular sua gradiência, em termos semântico-sintáticos. Tal gradiência é entendida, por hipótese, como consequente, em perspectiva sincrônica, da gradualidade da mudança histórica pela qual a referida expressão passou.

Em termos de níveis de integração, dos quatro *types* detectados na sincronia em análise, formadores do *cline* [*onde*] [*diz* + SN] > [*onde diz* + SN] > [*onde diz*] > [*onde*], os mais produtivos são os últimos, com ênfase no terceiro estágio [*onde diz*]. Nesse uso convencionalizado, a expressão migra da instância gramatical para a pragmático-discursiva, atuando como operador de evidencialidade, como unidade semântico-sintática que introduz a fonte de informação. Atestamos, assim, que no período arcaico, pelo menos nas obras pesquisadas, o padrão não marcado de *onde diz* corresponde justamente ao terceiro estágio. A expressão entra em obsolescência nas sincronias subsequentes e cai em desuso.

Outra tendência que verificamos está na ocorrência generalizada do uso do constituinte verbal somente na forma *diz*, sem outra flexão. Observamos que, nas poucas ocasiões em que são detectadas flexões modo-temporais, como *disse*, ou número-pessoais, como *dizem*, diminui sensivelmente o nível de vinculação entre os constituintes da expressão.

O terceiro traço que caracteriza o uso de *onde diz* refere-se a seu *descolamento* semântico-sintático em relação à D1 e D2, em prol da articulação de sentido processual, no plano pragmático-discursivo, com função relacional. Trata-se de mais uma evidência do avançado estágio de vinculação interna de *onde diz* e de seu alto nível de gramaticalidade.

Ampliando o foco de nossa análise, consideramos a expressão *onde diz* como articuladora preferencial de sequências de opinião, marcadas por persuasão, por convencimento e por didatismo. Nessas sequências, *onde diz* assume função específica, como operador, somando-se à fonte de informação para fazer a ponte entre D1 e D2. Assim localizado e articulado, concorre para tornar a informação veiculada mais convincente e coerente.

Os resultados de nossa investigação servem de ponto de partida para a continuidade da pesquisa linguística em perspectiva construcional, privilegiando as relações associativas, as marcas relacionais estabelecidas entre os constituintes linguísticos na detecção dos níveis de sua vinculação de sentido e de forma. No caso de *onde diz*, importa, por exemplo, investigar mais a fundo se, de fato, é categórica a obsolescência de seu uso após a fase arcaica e, também em viés histórico, comprovar a hipótese de que o *cline* de gradiência aqui apresentado revela, efetivamente, a gradualidade da mudança gramatical que derivou no operador evidencial *onde diz*. Enfim, há uma vasta e diversificada agenda de trabalho a cumprir, que muito pode concorrer para o maior conhecimento dos padrões de uso do português.

Referências

- AIKHENVALD, A. Y. *Evidentiality*. New York: Oxford Linguistic Press, 2006.
- BARNES, J. Evidentials in the tuyuca verb. *Journal of American Linguistics*, v. 50, p. 255-271, 1984.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R. (Eds.). *A handbook of historical linguistics*. Blackweel, 2003. p. 602-623.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CASSEB-GALVÃO, V. Uma propriedade distintiva na gramaticalização de um operador evidencial reportativo: *token* de narrativa. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (Org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010. p. 121-139.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, W.; NICHOLS, J. *Evidentiality: the linguistic coding of epistemology*. Advances in Discourse Processes XX. Norwood: Ablex, 1986.

CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. In: NEVES, M. H. M. (Org.). *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2001. p. 103-143.

DIEWALD, G. A model for relevant types of contexts in grammaticalization. In: WISCHER, I.; DIEWALD, G. (Eds.) *New reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 103-120.

KABATEK, J. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico. *Lexis*, v. 29, n. 2, p. 151-177, 2005.

KURYLOWICZ, J. The evolution of grammatical categories. *Esquisses linguistiques II*, Munich, p. 38-54, 1965.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.; MACHADO, A.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1912.

MOISÉS, M. *A literatura portuguesa através dos textos*. 29. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. *Functions of Language*, John Benjamins, v. 14, n. 2, p. 177-202, 2007.

OLIVEIRA, I. “*Onde diz*”: padrões de uso no português arcaico. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2012.

TRAUGOTT, E. *Toward a coherent account of grammatical constructionalization*. (no prelo).

TRAUGOTT, E. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARD, R. et al (Eds.) *Variation, selection, development* – probing the evolutionary model of language change. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.